EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TEMOS O QUE ENSINAR?

Astrid SCHWALM*

Em primeiro lugar, quero agradecer o convite que me fizeram os organizadores deste evento e o apoio que me deram, para poder estar aqui hoje. Sinto-me honrada.

DA CRIANÇA

Para realizar meu trabalho na pré-escola do Colégio Humboldt, confrontei a melhor imagem de infância que pude criar, que tão bem se reflete nos versos de Casimiro de Abreu:

“Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito
Da camisa aberta ao peito,
- Pés descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás de asas ligeiras,
Das borboletas azuis!...”

com a criança paulistana de hoje, que não tem campinas, nem terrenos baldios, nem mesmo as ruas para correr e brincar em bandos. Criança, que anda de tênis em cima de cimento. Que faz as suas experiências motoras em “playgrounds” limitados, nos quais correr ou brincar com bola é impossível. Que é afastada das quadras esportivas dos condomínios verticais por crianças maiores, que nem nos pátios escolares superlotados pode dar vazão às necessidades de experimentar movimentos amplos.

Em que árvore essa criança poderá trepar e balançar-se ao vento, agarrada aos galhos? Em que muros poderá equilibrar-se?

Onde está o espaço para a aventura, a fantasia, a alegria?

Por tudo isto e por muitas razões mais, a infância perdeu em liberdade, em alegria. Empalideceu...

E, baseada nisso, decidi transformar minhas aulas em momentos vibrantes para a criança. Momentos em que ela possa sentir-se livre para brincar, fantasiar, criar, experimentar, arriscar, aprender e evoluir com alegria.

DOS OBJETIVOS

- Contribuir significativamente para o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo de cada criança, resgatando-a do ponto em que está, através de práticas motivadoras quanto à qualidade (próprias para a faixa etária), quanto à quantidade (numa dinâmica em que inexistam tempos de espera, sem, no entanto, sobrecarregar a criança) e quanto ao grau de dificuldade (apresentando um desafio na medida certa, tanto para a mais, quanto para a menos habilidosa);

* Colégio Humboldt.

- Despertar ou aumentar o interesse da criança pelas habilidades motoras, para que ela participe das aulas com entusiasmo e, principalmente, continue praticando fora das aulas;
- Aprimorar a consciência corporal. Ênfase consciência corporal enquanto conhecimento de si mesmo, enquanto base da auto-confiança, da segurança dos movimentos, do risco que se corre e enquanto elemento importante no “feedback” e na aprendizagem motora em geral.

DO PROGRAMA E DO ENSINO

O conteúdo programático não poderia ser outro que desenvolver os movimentos fundamentais (locomção, manipulação e estabilização), com ênfase em sua variação, através de atividades de auto-testagem, de livre exploração, de jogos e de brincadeiras rítmicas.

Atualmente componho as três aulas semanais de 45 minutos, da seguinte forma:

A primeira aula pretende motivar a criança a desenvolver principalmente suas habilidades de manipulação e estabilização.

As atividades são oferecidas sob forma de livre exploração e auto-testagem.

Como estratégia uso todos os tipos de bolas, aros, argolas, cordas, bem como sapatos-de-lata, pernas-de-pau, patins, patinetes, aros-de-rodar, ioiôs, petecas, etc.

Quanto à organização da aula, uso predominantemente duas dinâmicas:

- Para ensinar habilidades novas (alunos na fase inicial de aprendizagem), trabalho de maneira diretiva, oferecendo tarefa e “feedback” iguais para todos. Todos os alunos usam o mesmo tipo de material. Tratando-se de alunos de quatro a seis anos e meio, a duração desse trabalho diretivo, é de no máximo quinze minutos. Em seguida é preciso mudar.

- Após algum tempo de prática, o nível de aprendizagem dos alunos se torna heterogêneo, requerendo tarefas diferenciadas e “feedback” mais específico. Nesse caso, subdivido a classe em três grupos, dando a cada grupo uma atividade diferente. Volto minha atenção para um terço da classe, enquanto os demais alunos trabalham de maneira autônoma. Esta dinâmica permite um atendimento quase individual.

A segunda aula é composta predominantemente por atividades de locomoção e estabilização. Para tanto, uso brinquedos de grande porte especialmente idealizados para esse fim, e aparelhos de ginástica olímpica, dispostos de modo não-convencional.

A criança se equilibra em superfícies elevadas, reduzidas ou móveis, experimenta saltos em profundidade, vivencia o “frioquinho na barriga” ao se balançar num pêndulo longo, ou a tontura no enrolar e desenrolar do balanço, escala barrancos, experimenta apoios e suspensões (também invertidos), vence medos, desenvolve a consciência corporal. Para as crianças essa aula é particularmente fascinante, pois está repleta de aventuras, de desafios, de riscos calculados, de obstáculos a vencer.

Como os alunos passam de uma tarefa à outra, o professor fica livre para dirigir sua atenção a determinada tarefa (habilidade nova, situação de risco, etc.).

Por ser muito intensa, a aula não dura mais do que 35 minutos.

Nos minutos finais, brincamos de roda.

A terceira aula semanal é reservada para jogos. Praticamos jogos com apenas uma regra, que envolvem apenas uma habilidade (predominantemente correr e, com menor frequência, arremessar).

Começamos por jogos simples para a turma toda. Com o desenvolvimento da autonomia dos alunos e da dinâmica da classe, jogamos em grandes ou pequenos grupos. No final do pré, os alunos reunidos em grupos de três ou de quatro, são capazes de criar um jogo, definir suas regras e jogá-lo repetidas vezes. Praticamos jogos originários da cultura popular e da literatura comum sobre educação física.

Atividades rítmicas aparecem em muitos momentos das aulas. No início, usamos atividades de correr, saltitar, galopar, percutir, cantar, assobiar. No final das aulas brincamos de roda cantando, assobiando e fazendo movimentos e mímica sugeridas pelos versos (tenho o cuidado de usar rodas cantadas da cultura popular tradicional). Sempre que possível, reforço o ritmo de um movimento com ladainhas ou cantigas. Assim, emprego ladainhas para saltar corda, para marcar o passo da perna-de-pau, para cadenciar um balanceado com a corda.

Toda estratégia descrita acima implica desafio, que deve ser proposto quase individualmente, para garantir sucesso após esforço adequado. Com o sucesso a criança se sente motivada a praticar mais, a buscar novos desafios, a retornar com prazer e expectativa à aula seguinte.

DA RESPOSTA À PERGUNTA QUE REGE ESTE SEMINÁRIO: TEMOS O QUE ENSINAR?

Temos muito o que ensinar, sim!

A cada ano que passa, sinto com maior nitidez, o quanto o programa que ofereço às crianças é pequeno diante do seu potencial!

Nesta faixa etária já distinguimos entre aprendizagem de, sobre, e através dos movimentos.

Concomitante com as conquistas motoras (aprendizagem de movimentos), observo nos alunos o crescer do interesse e do conhecimento sobre o corpo, sobre respiração, circulação etc (aprendizagem sobre o movimento), bem como o desenvolvimento da segurança, da auto-confiança e da consciência corporal (aprendizagem através do movimento).

Recentemente, enquanto brincávamos de “caçador”, ouvi o seguinte diálogo entre dois alunos:“- Você finge que vai para um lado, daí corre para outro.” “- Mas e se o Mauro perceber?” “- Então você faz mais depressa.”

Estes dois alunos falavam sobre finta e tempo de reação.

Ou Carlsen (seis anos e meio), preocupado em aprender a estrela, que me perguntou:“- Se eu praticar muito a parada de mãos com os pés na parede, eu aprendo mais fácil a estrela?” “- Por que você pensa assim? - perguntei.” “- Porque a estrela também é de pernas esticadas para cima e as mãos no chão” - disse-me ele.”

Muito me surpreendi! Transferência de aprendizagem é um conceito relativamente novo para mim, que sou profissional no assunto! Como pode um menininho estar pensando tão avançado?

Ou, ainda, Flávia dizendo para Andréa que não conseguia manter-se na parada de mãos de frente contra a parede: “- Você bate as pernas com muita força na parede. Daí elas voltam.”

Flávia deu à Andréa um “feedback” correto.

Essas crianças estão espontaneamente tendo idéias sobre transferência de aprendizagem, finta, “feedback”, e igualmente demonstram vivo interesse por conhecimentos simples sobre músculos, respiração, circulação etc. Portanto, elas estão aptas a aprender sobre movimentos.

Aos poucos fui incluindo rodas cantadas e ladainhas, brinquedos e jogos populares no currículo, por entender ser esse o patrimônio cultural próprio da idade e em vias de cair no esquecimento que atinge plenamente a motivação infantil e os objetivos da Educação Física. Creio ser um exemplo bastante válido de aprendizagem através do movimento.

DE ORDEM, DISCIPLINA E INFRA-ESTRUTURA

Às vezes me pergunto se fui à escola para ensinar movimentos ou para limpar narizes, amarrar tênis, prender cabelos.

Sou exigente quanto ao uniforme, quanto ao solado, ao tamanho e ao tipo de tênis. Quero a criança livre de perturbações relacionadas com roupas, resfriados, para perceber claras as sensações durante os movimentos.

Exijo ordem absoluta no ambiente, para a criança respeitá-lo, bem como ao material.

Sempre verifico, metro a metro, o cimentado em que acontecem as aulas, para ter certeza de que nenhuma criança derrapar numa poça de areia ao correr uma curva.

HISTÓRICO

Iniciei o trabalho em 1980 e hoje, treze anos depois, pouco restou do modesto plano inicial.

A conquista das boas condições de trabalho foi árdua e longa. Foi necessário provar com pouco que se pode muito, para então ganhar-se mais um pouco.

Hoje considero-me privilegiada pelo apoio inegável da direção da escola, pelo ambiente amigo entre os colegas professores, pelo respeito ao meu desempenho profissional.

Tenho liberdade para modificar, inovar, e ao longo dos anos desenvolvi no colégio uma infraestrutura que me permite criar e variar amplamente.

Busquei conhecimentos sobre esta faixa etária, mas sei, que meu esforço não teria alcançado a atual projeção, se não estivesse firmemente ancorada no trabalho competente e coeso da equipe de professores da qual faço parte.

Muito obrigada.